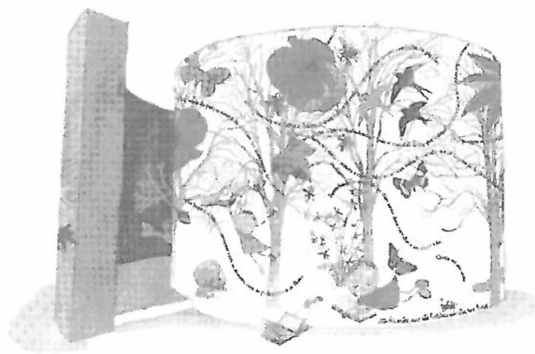


DAS HISTÓRIAS NASCEM HISTÓRIAS. LEITURAS

DORA BATALIM

Era uma vez um menino de três anos sentado na cadeira do mar. Depois de ouvir contar um bocadinho de uma história de Sophia de Mello Breyner Andresen, alguém lhe perguntou:



— O que levavas contigo da terra se fosses viver para sempre no fundo do mar?

O menino pensou e respondeu:

- Levava um biberão com leite quentinho.
- Porquê, achas que irias ter fome no fundo mar?
- Não, não era para mim, era para dar à Menina do Mar.

Este menino existe e a cadeira do mar também. Está algures numa biblioteca, dentro do azul de uma folha em espiral. Essa folha tem impressas letras, palavras, frases e ilustrações nas suas duas páginas...

Acho que não é o que estão a pensar... Acrescento um pormenor: esta folha tem 2,5 m de altura e 16 de comprimento... faz parte de uma exposição-percurso que se chama «Das histórias nascem histórias».

E tal como um menino faz nascer histórias a partir do imaginário de Sophia, também Fernanda Fragateiro fez nascer, a partir deste universo literário, um lugar para se viver a leitura.

Tentarei contar-vos esta exposição, a sua história e algumas das suas entrelinhas, pensando ou pelo menos levantando questões acerca de um tema com que muitos de nós nos debatemos: estratégias para a formação de leitores.

Comecemos pelo princípio. O convite partiu do Instituto Português do Livro e das Bibliotecas (IPLB): criar uma exposição itinerante para as bibliotecas da sua rede dirigida ao público infantil e que tratasse o tema *leitura*. Foi feito à artista plástica e ilustradora Fernanda Fragateiro. A proposta inicial era a de trabalhar a partir de personagens de livros clássicos mas Fernanda preferiu que fossem as crianças a sentirem-se elas próprias personagens de uma história. Depois, era preciso seguir um caminho literário. Definitivamente seria português. A escrita de Sophia de Mello Breyner Andresen impôs-se quase imediatamente pela qualidade poética que se desprende dos seus textos para além do enredo das suas histórias.

E, conhecendo as «Pequenas Histórias» ⁽¹⁾ de Fernanda Fragateiro, percebemos que a escolha não poderia ter sido outra. Para uma autora de imagens que trabalha em completa simbiose gráfica com a escrita, só uma autora de textos que transforma cada palavra numa imagem nítida, quase verdadeira.

Raros são os autores que conseguem assim descrever

atmosferas, saídas do mundo físico, observável, e depois descobrir neles espaços infinitos, outros. E é dessa espessura imensurável que o acto de fruir um texto literário consegue acrescentar, que esta exposição pretende tratar.

Há depois, também, um elemento comum a estas duas autoras: a natureza. Uma natureza atravessada de luz, poética, sempre real; uma espécie de vocação microscópica, isolando seres para extrair límpidas sensações e texturas com a mais alta consciência ética. Raro e feliz é o encontro.

Eleitos foram dois livros: *A Floresta* e *A Menina do Mar*, buscando-se neles uma pequena geografia de polaridades complementares, um mundo completo para inaugurar.

Pode assim metaforizar-se também o (*objecto*) livro — para crianças, sobretudo — através do encontro duplo dos seus autores: o escritor e o ilustrador.

A descrição do percurso também se apoia fundamentalmente na forma que a exposição ganhou no CCB ⁽²⁾, uma vez que ainda não aconteceu noutra lugar ⁽³⁾. Há linhas de base mas algumas das características sofrerão inevitavelmente alterações de acordo com a especificidade dos locais que a acolherem.

O espaço tem como ideia estrutural a de ultrapassar a bidimensionalidade, metaforizando o que acontece na fruição de uma obra literária. Não se trata da transposição plástica da linguagem escrita de *A Floresta* ou de *A Menina do Mar*, nem tão-pouco a produção de leituras acabadas. Entendeu-se a leitura como um processo que implica várias dimensões perceptivas — física, emocional e só a partir daí cognitiva. Falamos do que pode ser a experiência estética da arte, neste caso da literatura. Pensou-se também na ideia de caminho e na de ENTRADA pela porta que é a leitura. Depois, a de leitura como LEITURAS: a personalização e individualidade do conceito de leitor.

... *La parole est moitié à celui qui parle, moitié à celui qui écoute.* (Montaigne, *Essais* III)

Entrar nos livros é agir e interagir com a escrita e a imagem, a partir das suas próprias representações, da sua própria experiência do mundo, para conseguir dominar a diversidade de géneros discursivos.

Por isso esta exposição, que tem como público-alvo crianças dos 6 aos 9 anos, foi pensada em forma de percursos. Para além do módulo principal, uma espiral de 5 metros de diâmetro que é uma escultura ritualizada e poética, há uma série de outros elementos autónomos que estabelecem relações entre si, e se acrescentam mutuamente. São eles duas gavetas «mágicas» que saem da parede, duas mesas magnéticas onde flutuam palavras, uma mesa com seres do mar e da terra para tocar e um mural para deixar palavras.

Correspondem a três momentos principais do percurso que pressupõem fazer reflectir, através da experiência sensorial e da interpelação do sujeito, as várias dimensões implicadas na leitura de um texto.

Entremos, então. Como em todos os inícios há uma fórmula inaugural que separa os mundos e faz os começos. Aqui é uma cortina

1.º momento: A ESPIRAL

Corresponde à palavra *receber*: Ler porque nos contam.
A voz

Parece uma enorme folha de livro semi-enrolada. É a possibilidade de entrar fisicamente dentro de uma história. São criados dois ambientes: no exterior *A Floresta* e no interior o fundo do mar, correspondendo ao conto *A Menina do Mar*. A escolha do elemento líquido para dentro não é certamente arbitrária. Os ambientes são dados pela imagem e pelas frases retiradas dos dois livros que ondulam neste cenário ora sopradas pela brisa da terra ora embaladas pelo movimento das ondas. Do corpo e forma dos caracteres tipográficos procura-

-se comunicar sentidos, assim como do seu alinhamento (por exemplo, na *Floresta*, as descrições dos ambientes são impressas num tipo de letra gráfico enquanto que os diálogos da Isabel com o anão surgem mais abaixo, manuscritos por Fernanda). No interior azul há seres marinhos suspensos, desenhados a branco. Há também uma cadeira. Por fora, desenham-se árvores, folhas, flores, borboletas, pássaros e formigas. Há uma menina e há um anão. É uma floresta habitada.

O primeiro momento é de encantamento. Somos atraídos por uma voz que como um íman nos leva para o interior da espiral. É uma voz que nos chama para dentro do mundo de Sophia. No centro, está um actor-leitor, com um livro na mão. Depois de todos se sentarem no chão do mar, ouvimos, a partir das palavras que saem desse livro, o encontro de um menino da terra e uma menina do mar. Depois, outra voz chama e por ela somos reclamados para fora. Somos convidados para um passeio em torno da espiral que agora é uma floresta. Conhecemos Isabel e o anão através da voz e da linguagem corporal de outro actor. É um contador. Guarda na memória as palavras que diz. Para seguir o fio da história, há que caminhar, recuar, sentar e seguir. A exposição torna-se assim um texto que revisita os conceitos de leitura, escrita e livro de uma forma meta-discursiva e auto referencial:

Isabel estendeu-se ao comprido e começou a ler... (4)

Escreve esta história. As coisas ficam vivas para sempre numa história escrita (5)

E seguimos Bruno Munari que esteve presente na inspiração desta escultura literária: «Voltar as páginas é, pois, como caminhar no nevoeiro porque se vão tornando mais nítidas as figuras seguintes e esfumando as das páginas».

2.º momento: AS GAVETAS MÁGICAS E OS POSTAIS

Ler porque cada um recolhe pedaços diferentes. A ilustração e a escrita.

Duas gavetas surgem da parede. Uma está entreaberta, a outra fechada. Um dos meninos é escolhido para a abrir solenemente. A outra fecha-se sozinha enquanto isso acontece. A gaveta aberta começa a rir com uma gargalhada fininha que depois se transforma numa voz muito clara. A voz da gaveta diz:

Ouve com atenção, vais receber três postais que te pedem três coisas... podes voltar à espiral para procurar as respostas ou para te inspirares. Ah, e não te esqueças... quando todos tiverem os postais, fecha-me.

Faz-se uma fila e cada um retira os postais. O último, seguindo as instruções da voz, fecha a gaveta. Imediatamente, num movimento mágico, a outra abre-se. Está vazia. Ficará à espera.

Cada um recebe também um objecto muito especial para trabalhar: uma paleta. Para além do aspecto prático, a singularidade estética de um objecto que a maioria nunca experimentou reforça a incorporação da ideia de trabalho artístico. Usa-se o lápis, sem borracha.

Os três postais estão juntos e são destacáveis. Um deles pede que cada menino eleja as três palavras mais especiais que ouviu ou leu e as guarde ali. Outro, que se desenhe uma casa para um anão que caiu da página de um livro. A imaginação é estimulada: como seria a casa de um anão? Onde é que ele poderia viver considerando-se o seu tamanho? Talvez num bolso, num sapato? E de que seria feita a casa? De fósforos? De algas? De escamas? Ou de asas de borboleta?

O último postal pergunta: o que levavas contigo da terra se fosses viver para o fundo do mar? É estar no lugar da personagem sendo eu próprio, senti-la, sentindo-me.

As respostas são individuais, pessoais. Os meninos que não sabem ou não podem escrever são ajudados ou desenham. Estamos no segundo momento do percurso, isto é, como num segundo momento enquanto leitores: mais intimista, analítico, em diálogo com o texto, recolhendo dele o que fica registado em nós. Experimentamos também o lugar do autor, sobretudo o do ilustrador, imaginando graficamente. Os meninos circulam livremente pelo espaço e podem voltar à espiral para reler as cores e as palavras.

Pede-se então que o postal do desenho, que tem no verso a pergunta, seja deixado na gaveta que tinha ficado aberta. É um pedido de Fernanda Fragateiro porque os artistas precisam de recolher inspiração para o seu trabalho. Aquelas ideias todas poderão vir ser as raízes de uma nova obra. A devolução unificada e transformada do mundo num movimento em que das histórias nascem histórias. São variadíssimas as respostas: levam-se para o fundo do mar muitos telemóveis e computadores, o Centro Comercial Colombo («porque lá há tudo»), a dispensa e papel higiénico... E também muitas fotografias, rsinhos de peluche, os pais.

3.º momento: MESAS

Ler porque agarramos palavras e criamos outros textos. Das palavras nascem histórias.

- Mesas magnéticas

São duas. Uma reflecte o mar e outra a floresta através das imagens impressas no tampo magnético. Flutuam nelas, atraídas pelo íman, palavras gigantes, escolhidas e recortadas dos dois textos de Sophia. A ideia é arrumá-las como frases. Não há regras. Pode-se brincar criando textos próprios, percebendo que as palavras podem ser como as formigas, em carreirinhos, umas atrás das outras ou como um jogo de lego.

Perceber que a escrita pode ser trabalhada e recriada. A matéria-prima de que aqui dispomos é nobilíssima: são as palavras de Sophia. As frases resultam insólitas, poéticas, inesperadas ⁽⁶⁾.

• Mesa do mar e da terra

É um objecto artístico de onde nascem raízes, algas, flores, insectos, plantas. É como se as ilustrações da espiral tivessem ganho vida através do volume e da tridimensionalidade. É uma mesa sensorial para tocar e ler com as mãos. Foi especialmente pensada para os meninos que não sabem ou não podem ler, mas serve de ponto de partida para todos contarem histórias, a dois. Frente a frente, de mãos dadas através da folhagem ou das algas, por cima ou por debaixo da mesa aconchegados como se numa casinha de anão, cada um vai inventando frases para uma história conjunta, fantástica, sobre a floresta, o mar, ou a mistura dos dois ambientes. Como que por alquimia, as histórias misturam-se: braço estendido na direcção do outro, atraídos como ímanes, o primeiro começa: «Era uma vez um peixe que usava como brincos um par de cerejas»...

Enquanto uns inventam frases escritas, outros inventam frases ditas, experimentando todo o processo artístico de transmutação do que existe numa coisa nova e pessoal. Depois troca-se. No final, ouvem-se as produções porque o tempo é outra vez o de contar histórias. Agora é a nossa vez.

Neste terceiro momento o leitor está já numa fase mais madura; impregnado ainda pelo texto literário, recria, criando os seus próprios textos e histórias. Experimenta também o papel de contador e o de leitor em voz alta.

Momento final: MURAL

Comunicação: ler, lendo-me com outros

Idealmente será um vidro, uma janela grande que separe o interior do exterior. Idealmente, esse exterior será um jardim. Noutros casos podem ser folhas gigantes de papel. É a etapa final, um mural que se constrói até ao último dia da exposição. Pede-se o registo de uma frase especial, vinda por exemplo das mesas magnéticas, ou de uma palavra que condense todas as experiências. Que dê a ler o que se leu (?).

Interessante será ainda perceber os processos da criação. Penso que para Fernanda o motor de encantamento foi o riso da menina do mar. Desde sempre, desde a primeira reunião de trabalho, notou essa gargalhada pequenina, essa voz. E esse fio condutor invisível que, para ela, atravessa toda o percurso, consegue a sua representação física, sem corpo, dentro da gaveta.

Os vários conceitos que tecem este percurso entrelaçam-se aqui: o leitura como de entrada ou mergulho físico no mundo mágico entre o corpóreo e o imaterial — o centro da espiral, as gavetas, o ir lá dentro para buscar inspiração. A espiral como círculo, como planeta em rotação de 360° posto em movimento pelo nosso movimento de leitura em torno dele. Circularidade, como no contar, prende-se aqui também com a noção de tempo: o de ouvir contar ou ler parado, sentado lá dentro para depois, na história da floresta, viver fisicamente o desenrolar da história, seguindo o contador como quem cumpre um ciclo de vida. A ideia de íman, de ligação ou religação que a arte comporta. O livro como um espaço e lugar. É também um sítio que acolhe, como no mar ou nas gavetas que guardam uma voz que também é uma escrita, e que guardam a memória.

Muitos destes conceitos são também activados pelo trabalho dos actores que habitam este percurso. Trabalham em pares: um para o mar, outro para a terra.

Cada actor criou um estilo próprio, uma forma individual de contar — como um leitor particular. Uns são mais exuberantes, outros mais recolhidos; uns têm gestos mais largos,

outros mais contidos... mas todos se servem dos dois elementos essenciais para contar histórias: o corpo e a voz. E salientava isso mesmo: o corpo e a voz em contraste com os mil e um adereços que é comum observar, salvem-se as excepções, quando anunciada é uma «animação de leitura», em bibliotecas e outros lugares de «animação», em escolas.

Os adereços são usados como se se tentasse esconder o mais possível a «humanidade» de que somos feitos para que uma panóplia de outras coisas consiga melhor interpretar o texto. Perde-se o olhar, lê-se escondendo o mais possível a voz ou então o contrário, grita-se muito; os braços e as pernas são prolongamentos estranhos, ora rigidificados ora desenhando movimentos solenes e desusados. Perdemos a vida real que o texto nos pede para se iluminar e comunicar. Esquecemo-nos completamente de que o «animador de um texto» ⁽⁸⁾, em primeira e última instância, tem de ser um leitor desse texto, e tenta-se (às vezes muito) ser outra coisa qualquer.

Obviamente que não estou a defender a exclusão de objectos no contar de histórias; é deles que muitas vezes se consegue o sentido que faltava, a imagem inesperada, a frescura ou a poesia. Só que esses objectos terão de emergir dos próprios textos, cumprindo os seus sentidos, tornando-se vida cá fora. E isso requer uma atenção profundíssima e muito rigor.

Há disso exemplo no trabalho da equipa de homens e mulheres do mar e da floresta: uma cadeira, pode ser, ora uma janela, ora monte de areia, ora uma cama de algas, ora....

Sublinhe-se aqui a iconografia não literal, poética, alargando os sentidos e refazendo semânticas.

Neste âmbito, registamos um outro momento concreto do percurso: o exemplo do anão-menino que Fernanda imaginou, sem as barbas e sem o anel de ouro a brilhar no dedo anelar que Sophia escreveu... O anão de Fernanda é, sobretudo, uma criança. E é interessante observar o público quanto a este aspecto: nos momentos em que o contador, através das palavras do conto, descreve o anão, está normalmente perto de

um lugar da espiral onde ele está desenhado, interagindo subtilmente, através do corpo, com a ilustração. Notam-se olhares surpresos, dedos apontados discretos, como que falando por gestos para alguém, chegando a alguns comentários sussurrados ao ouvido de uma pessoa próxima: «Mas ele não tem a cara vermelha! Ele não tem 300 anos!»

E depois, mais nada. De todas as vezes que assisti, após a surpresa inicial, não se perguntou, não se questionou mais. É como se se tivesse acedido então às outras dimensões possíveis que a arte desperta. Percebido que são possíveis outras lógicas para o mundo e para o sentir através da arte.

E eu acho que isso acontece aqui — pois esta experiência não acontece sempre — porque usufruímos do encontro de duas autoras excepcionais; Fernanda Fragateiro e Sophia de Mello Breyner têm a capacidade de traduzir a sensibilidade do mundo de uma forma invulgarmente luminosa e clara. Ambas inventam lugares, perfeitos pois os constroem inteiros, estruturados: são universos, no sentido total da palavra, numa linguagem que é clara mas nunca é infantilizante.

Depois, porque somos envolvidos por esta atmosfera onde temos também um lugar — e neste momento falamos da formação de públicos, neste caso de leitores. A espiral parece ter sido feita à nossa medida. A escala é quase real — e imaginem-se da altura de uma criança. O público é convocado a pertencer, e podemos referir-nos mesmo apenas à primeira parte quando ainda é só escutador ⁽⁹⁾. O convite é da ordem do gesto, da dança. Lembro-me sempre do encantamento do *Flautista de Hamelin*.

E é porque se é «fisicamente» e «por dentro» parte, diria assim, que esta verdade da arte passa a ser inquestionável. É evidente que o anão-menino sem barbas e o anão de 300 anos que se encontra com a Isabel são dois e também podem aqui ser um só.

Falo de uma liberdade muitas vezes distante do ensino: perceber que a imaginação é possível, admissível, que o céu

pode ser cor de laranja, vermelho ou roxa a copa de uma árvore e que não há que de pintar por dentro de desenhos fotocopiados. Perceber que é pela obra de arte que a liberdade se conquista e se motiva, perceber que a leitura de um texto literário, oferece esse caminho se nos deixamos ir ou, melhor, se nos deixarem lá chegar.

Como dizia no outro dia a minha colega Maria José, a formação de leitores implica, mais do que ler até ao fim, ler até ao fundo. Quisemos então ler «Das histórias nascem histórias» como um contributo.

Notas

(¹) Publicadas a cada domingo no suplemento infantil da revista *Notícias Magazine*, «Terra do Nunca».

(²) Para uma exposição com estas características, Fernanda convocou uma equipa base de trabalho: um designer de equipamentos, José Borges, uma designer gráfica, Catherin Loerke, um artista plástico para os adereços, José Fragateiro, e alguém que trabalhasse os aspectos literários e os suportes textuais e que, em conjunto com ela, pensasse as questões pedagógicas inerentes ao público infantil. Este foi o meu papel.

Mais tarde junta-se um elenco de actores coordenados por Madalena Victorino do Centro de Pedagogia e Animação do CCB, para dar voz e corpo às histórias. A exposição teve a sua inauguração no CCB — curiosamente no dia de aniversário de Sophia a 6 de Novembro de 2003 — instituição que, em parceria com o IPLB, a acolheu por 3 meses plenos de público, distribuído por um horário de visitas livres das 10h às 18.30h. Por dia, aconteciam ainda duas ou três visitas guiadas (ou animadas) com a duração de 2 horas cada, no caso de escolas, ou de uma 1 hora nos fins-de-semana para famílias.

(³) Prevê-se que a exposição viaje durante dois anos pelo país, permanecendo de dois a três meses em cada local (Santa Maria da Feira, Viseu, Porto, estão já confirmados para o primeiro ano). Duas actrizes do grupo inicial seguem com a exposição em itinerância. Passam, durante uma semana de formação, o testemunho a actores e bi-

bibliotecários locais, formando-os a partir da sua experiência. Serão eles, a partir daí, a continuar o percurso. Para além da formação de leitores, pretende-se a formação qualificada dos próprios bibliotecários e outros mediadores de leitura para se tornarem agentes preferenciais.

(⁴) *A Floresta*, p. 12.

(⁵) *A Floresta*, p. 67.

(⁶) Alguns exemplos de frases resultantes das mesas magnéticas:

O rapaz ajoelhou-se no céu e espreitou o pássaro dentro da espuma.

Sei ler folhas suspensas e rir no fundo de frascos cheios de água.

No perfume do mar há um coração suspenso.

As ondas fazem rir as folhas das histórias.

Somos líquidos como o mar.

(⁷) Nas paredes, expõem-se aguarelas de Fernanda Fragateiro que deram origem a este universo. É a leitura directa de originais pictóricos, dando-se a perceber os processos e percursos do fazer artístico que revelam um trabalho de equipa e de construção: da bidimensionalidade à espiral.

(⁸) Tomemos como definição do conceito de animação de leitura de Christian Poslaniec: «L'animation lecture est une activité de médiation culturelle entre des livres et des enfants, destinée à réduire l'écart — physique, culturel, psychologique — qui existe entre les deux ; la nature de la médiation exclut l'obligation de lire imposée par un adulte. Elle consiste, au contraire, à créer une motivation incitant les enfants à aller vers les livres et à les lire.»

(⁹) «O primeiro passos para a leitura é ouvir livros. A audição da leitura por outra pessoa tem uma tripla função, cognitiva, linguística e afectiva.» José de Moraes.

Bibliografia:

Andresen, Sophia de Mello Breyner, *A Floresta*, 34.^a ed., Porto, Figueirinhas, 2001.

Andresen, Sophia de Mello Breyner, *A Menina do Mar*, 37.^a ed., Porto, Figueirinhas, 1998.

Batalim, Dora Isabel, «Guião para Pais e Professores» in *Aprender a*

Olhar, n.º 11 (dedicado a *Das Histórias Nascem Histórias*), Fev.-Mar. 2004.

Morais, José de, *A Arte de Ler. Psicologia cognitiva da leitura*, Lisboa, Ed. Cosmos, 1997.

Munari, Bruno, *Das Coisas Nascem Coisas*, Lisboa, Edições 70, 1981.

Postłaniec, Christian, «Les animations lecture», in *BBF*, Paris, T. 44, n.º 3, 1999.